

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 28/02/2022.

PAULO ALEXANDRE FILHO

**USO DO CELULAR EM CONTEXTO DE ENSINO:
POR UMA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Assis

2020

PAULO ALEXANDRE FILHO

USO DO CELULAR EM CONTEXTO DE ENSINO:

POR UMA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras junto ao Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS - Área de Linguagens e Letramentos, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP.

Orientadora: Professora Dra. Daniela Nogueira de Moraes Garcia

Assis

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

Alexandre Filho, Paulo
A381u Uso do celular em contexto de ensino: por uma
pedagogia dos multiletramentos na educação básica / Paulo
Alexandre Filho. Assis, 2020.
120 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Daniela Nogueira de Moraes Garcia

1. Smartphones. 2. Tecnologias de informação e
comunicação. 3. Educação básica. I. Título.

CDD 372



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: USO DO CELULAR EM CONTEXTO DE ENSINO: POR UMA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

AUTOR: PAULO ALEXANDRE FILHO

ORIENTADORA: DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA



Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em LETRAS, área: Linguagens e Letramentos pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. KELLY CRISTIANE HENSCHER POBBE DE CARVALHO
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. HELOISA HELOU DOCA
UNIMAR / Marília

Assis, 28 de fevereiro de 2020

Dedico esta Dissertação de Mestrado à memória de Clovis Bruzarosco que sempre acreditou em mim e me ensinou o valor de cada instante vivido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Paulo Alexandre, por me apoiar nos estudos. Ao senhor, devo meu caráter, meu otimismo e toda minha perseverança.

Agradeço a todos os mestres do ProfLetras-Campus de Assis/SP, em especial, à minha orientadora, Dra. Daniela Nogueira de Moraes Garcia, por acreditar no meu potencial e, principalmente, pela generosidade. Professora, meu muito obrigado pela parceria nesta jornada de estudos.

Agradeço às professoras Doutoras Kelly Henschel Pobbe e Heloísa Helou Doca, por apreciarem meu texto e, no processo de qualificação, me apontarem questões muito pertinentes para o encaminhamento desta pesquisa.

Agradeço aos amigos do coração, Cinthia Gomes e Giuliano Alves, por me acolherem no momento mais difícil da minha vida, oferecendo-me palavras de carinho que para sempre estarão em meu coração. Queridos, vocês me fizeram entender que a vida é feita de ciclos: precisamos nos renovar sempre e para isso devemos nos desapegar: “Deixe ir.”

Agradeço à minha amiga Claudineia Bertaglia, companheira do ProfLetras, por todas as nossas conversas "dialógicas" sempre enriquecendo minha aprendizagem. Querida, você é tradução da afetividade, do respeito e do carisma.

A todos vocês, meu carinho, meu respeito e minha gratidão.

"A vida humana é uma constante experiência de travessia. Estamos em êxodos contínuos, em processos de deslocamentos intermináveis, porque, enquanto estivermos vivos, seremos convidados para o movimento que nos proporciona a superação de estágios, condições e atitudes." (MELO, 2008, p. 09).

ALEXANDRE FILHO, P. **Uso do celular em contexto de ensino: por uma pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é fruto de uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa desenvolvida junto ao programa de Mestrado Profissional ProfLetras. Logo, este trabalho buscou refletir sobre o dispositivo móvel celular, inserido em situações concretas de ensino e aprendizagem, tendo na metodologia colaborativa amparo imprescindível para compreender o processo de implementação da pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica. Esta investigação se justifica em virtude da democratização do acesso às tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) que, paralelamente, impactaram na linguagem e nas práticas sociais do século XXI. Assim, o celular, ocupando papel de destaque na atualidade, requer da escola, como espaço de convivência e aprendizagem, um olhar atento, pois observa-se a necessidade das instituições de ensino tratarem acerca do assunto e, ao mesmo tempo, incorporarem em suas práticas possibilidades do uso desse recurso que circula em diferentes esferas da sociedade, tornando-se objeto indispensável para o homem contemporâneo. Para fins de levantamento do *corpus*, esta pesquisa contou com a participação de 10 estudantes da rede pública do estado de São Paulo. O aparelho celular, o *software* de armazenamento *Google Drive*, o aplicativo *WhatsApp* bem como os registros das notas de campo serviram de instrumentos para a coleta de dados. Os resultados apontam para questões que vão além da incorporação das TDIC na Educação Básica como, por exemplo, a necessidade de modificações significativas nos papéis do professor e do aluno no ambiente escolar, fomentando, assim, outras formas de abordagem para o século XXI.

Palavras-chave: celular; multiletramentos; aprendizagem colaborativa.

ALEXANDRE FILHO, P. **Use of mobile in the teaching context: for a pedagogy of multiliteracies in Basic Education.** 2020. 120 f. Dissertation (Masters in Literature). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020.

ABSTRACT

This master's dissertation is a result of a qualitative intervention research carried out in the context of the Professional Master in Language (ProfLetras). Therefore, this work sought to reflect about the mobile, inserted in concrete teaching-learning situations, having in the collaborative methodology indispensable support to understand the process of implementation of the pedagogy of multiliteracies in Basic Education. This investigation is justified due to the democratization of access to digital information and communication technologies (DICT), which, at the same time, had an impact on the language and social relations of the 21st century. Thus, the mobile, occupying a prominent role today, demand from the school, as a space for coexistence and learning, a closer look, requiring educational institutions to deal with the subject and, at the same time, incorporate in their practical possibilities of using of this device that circulates in different spheres of society, becoming an indispensable object for contemporary man. For getting the *corpus*, this research counted with the participation of 10 students from public schools in the state of São Paulo. The mobile device, the Google Drive storage software, the WhatsApp application as well as the field notes records served as instruments for data collection. The results point to issues that go beyond the incorporation of DICT in Basic Education, such as, for example, significant changes in the roles of the teacher and the student in the school environment, thus promoting other forms of approach for the 21st century.

Keywords: Mobile; Multiliteracies; Collaborative Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Criação do Grupo “ <i>Educação e Tecnologias</i> ”	71
Figura 02. Estabelecendo regras de uso	72
Figura 03. Demonstração do percurso descrito pelo texto instrucional do pesquisador.....	83
Figura 04. Hipertexto de um dos participantes.....	84
Figura 05. Resultado de um participante após a mediação do professor.....	85
Figura 06. Total de mídias postadas no grupo “ <i>Educação e Tecnologias</i> ”	87
Figura 07. Compartilhamento da fonte de pesquisa.....	89
Figura 08. Coleta de dados dos participantes da pesquisa.....	95
Figura 09. Vídeo “ <i>Um outro olhar sobre a cidade- Pirapozinho, Bairro Natal Marrafon</i> ”	103
Figura 10. Verbete digital produzido pela dupla I.....	118
Figura 11. Verbete digital produzido pela dupla II.....	119
Figura 12. Verbete digital produzido pela dupla III.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	61
Gráfico 02. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	63
Gráfico 03. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	65
Gráfico 04. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	66
Gráfico 05. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	67
Gráfico 06. Informação colhida a partir do questionário “Sondagem”	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Informações sobre os participantes da pesquisa.....	55
Tabela 02. Cronograma Inicial encaminhado aos participantes da pesquisa.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: <i>Linkando</i> teorias.....	22
1.1 Letramentos e Multiletramentos.....	27
1.2 Os Multiletramentos na BNCC.....	31
1.3 Os Multiletramentos numa perspectiva bakhtiniana.....	33
1.4 Letramento digital crítico: uma condição para a pedagogia dos multiletramentos.....	36
1.5 Deletar conceitos e mixar metodologias em prol dos multiletramentos.....	40
1.6 O hipertexto na construção dos textos/gêneros e dos suportes emergentes.....	47
1.7 TDIC, impactos e reconfigurações sociais: da condição ubíqua à construção de valores no ambiente virtual.....	51
2. <i>LOGIN</i> NA METODOLOGIA: Acessando etapas da pesquisa.....	54
2.1 Natureza da Pesquisa.....	54
2.2 Instrumentos, Participantes e Procedimentos de coleta de dados.....	54
2.3 Fase 1: Questionário como registro de informação.....	57
2.4 Fase 2: <i>Enter</i> na coleta de dados.....	58
2.5 Fase 3: Atualizar status, baixar regras e imprimir compromissos.....	58
2.6 Fase 4: Conectar vínculos e funções.....	58
2.7 Fase 5: Na interface do gênero.....	59
3: ANÁLISE DE DADOS: Estabelecendo os <i>links</i> da pesquisa.....	60
3.1 Perfil dos sujeitos de pesquisa e como se relacionam com as TDIC.....	60
3.2 Mediação: Regras de conduta/empatia e aspectos valorativos entre os pares e o pesquisador.....	69
3.3 Traços colaborativos/cooperativos entre os pares.....	74
3.4 Professor mediador.....	79
3.5 Nível de participação/interação.....	86
3.6 Processo de autoaprendizagem.....	88

3.7 Interaprendizagem.....	91
3.8 Uso de linguagem multimodal e multissemiótica no processo de coleta.....	93
3.9 Produção do verbete digital.....	94
3.9.1 Letramento digital (crítico).....	100
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
APÊNDICES.....	117

INTRODUÇÃO

“A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.” (BARROS, 1999, p. 14)

Esta dissertação é produto de vivências acompanhadas de algumas reflexões acerca da minha profissão. Optar pela carreira docente, num país em que a educação está longe de atingir índices satisfatórios de qualidade, é sinônimo de carregar incessantemente água na peneira. Daí o motivo pelo qual inicio esta pesquisa com um fragmento do poeta Manoel de Barros (1999). Ao mesmo tempo, acredito que é agregar nessa condição de perseverança inabalável, a coragem e a ousadia de tomar para si o compromisso social daquele que numa relação, não apenas profissional, mas, sobretudo, interpessoal, pode ajudar na construção do outro, oportunizando-lhe ferramentas para uma formação humanística plena, dotada de autonomia, criticidade e teor ideológico.

Minha trajetória na academia se iniciou no ano de 2005, quando fui aprovado no curso de Letras da Universidade “Júlio de Mesquita Filho”- Campus de Assis. Faço questão de registrar aqui a relevância de minhas professoras de Língua Portuguesa, ainda na educação básica, no incentivo para que eu seguisse carreira no magistério. Em 2008, concluí meu curso de graduação e, de imediato, comecei a trabalhar na Rede Estadual de São Paulo como professor de Língua e Literatura na Diretoria de Ensino de Assis.

Atualmente (2020), sou professor efetivo do quadro de magistério da Rede Estadual Paulista e atuo na Diretoria de Ensino de Presidente Prudente, na escola Olga Yasuko Yamashita, há 5 anos. Paralelamente, trabalho, também, na rede privada de ensino como professor de Literatura e Redação.

Regressar à Universidade foi uma atitude tomada no ano de 2017, em virtude de algumas inquietações, pois há uma década no magistério, pude observar grande parte dos problemas que afligem professor e aluno. Dessa forma, estudar seria uma maneira de entender e talvez contribuir, minimamente, com a educação de modo a buscar alternativas que pudessem atrelar à minha prática elementos significativos e coerentes com a realidade dos jovens do século XXI.

Sendo assim, entrar no programa de Mestrado Profissional em Letras, em 2018, foi a alternativa mais coerente diante do desconforto com que vinha desempenhando minha

profissão como educador. Incorporar o otimismo e subverter a formação newtoniano-cartesiana em favor de uma perspectiva holística, foram iniciativas preponderantes para mim e acredito que seja para qualquer educador, na contemporaneidade, que esteja comprometido com sua formação, práticas e aperfeiçoamento como oportunidade de compreender, refletir e intervir no cenário educacional.

A reinserção no mundo acadêmico, ou melhor, reassumir a posição sistemática de estudante com rotina de estudos, prazos e metas foi de suma importância, inclusive, para o desenvolvimento desta pesquisa em razão de desestabilizar minha posição confortável de professor “detentor da verdade” e “centro do processo de ensino e aprendizagem” vigente no cenário da educação, há séculos. Logo, a condição e a predisposição para “aprender a aprender” se tornaram traços indissociáveis e fundamentais que se fizeram presentes a todo momento, neste período do mestrado.

O tema desta pesquisa relaciona-se com o uso do aparelho celular como ferramenta de aprendizagem, considerando a pedagogia dos multiletramentos uma necessidade para o desenvolvimento social, intelectual e humanístico do estudante da educação básica para o século XXI. A realidade atual, tomada pelas transformações tecnológicas, demanda novos rumos para promover aprendizagem e construir sujeitos sociais capazes de operar com os meios tecnológicos, compreendendo seus recursos, linguagens e intencionalidades.

A digitalidade encarada como evento social capaz de alterar as relações dos indivíduos não pode ser desprezada quando pensamos nas relações sociais e nas atividades humanas. Essa interferência, portanto, precisa ser elemento fundamental ao pensar em educação, metodologias e as devidas funções de cada um que se envolve nesse processo direta ou indiretamente.

Todas as mudanças ocorridas nos últimos tempos implicaram em transformações da sociedade e dos valores por meio de um processo evolutivo, impondo ao homem, sujeito principal da História, a necessidade de acompanhá-las para não correr o risco de ficar à parte, perdendo a condição de agente que a todo instante se modifica, ressignificando, dessa forma, sua existência. Por esse entendimento, observamos na sociedade contemporânea a luta desenfreada em acompanhar seus progressos, operando e intervindo em situações concretas.

Quando refletimos sobre a necessidade do homem contemporâneo entender e se enxergar agente dos processos de transformação, é no intuito de que este encare o domínio das tecnologias e das linguagens emergentes como passaporte para o ir e vir na sociedade, que agora opera também na esfera digital. Em outras palavras, é validar uma cidadania que extrapola às exigências antigas dos modelos sociais para que este se reconheça e seja reconhecido como sujeito histórico e, portanto, agente transformador do seu meio.

Não se trata de travar uma busca incessante para sincronizar homem e progresso tecnológico. Trata-se apenas de construir uma clareza na relação homem-tecnologia, sem que esta neutralize aspectos humanizadores daquele, isto é, promover entre estes a interdependência indispensável para se viver na sociedade atual para que ambos caminhem na mesma direção. Lévy (1993, p. 87), ao abordar o homem e tecnologia, afirma que “compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história atual nos leva a olhar de uma nova maneira a razão, a verdade, e a história”

Steven Rose (apud KENSKI, 2013) entende a inserção das tecnologias no meio social, não só como estruturas colaborativas apenas, mas, sobretudo, como fenômenos, que acompanham a trajetória do ser humano, revelando seu grau evolutivo, tanto para sua sobrevivência e adaptação, quanto para sua extinção em determinados momentos.

Nessa pesquisa, para se referir às novas tecnologias, será utilizada a nomenclatura TDIC¹. Entendem-se as TDIC como uma evolução das TICs², em que estas se relacionam com as tecnologias analógicas, ao passo que aquelas operam por meio das mídias digitais.

Ao analisar as tecnologias, na atualidade, torna-se relevante refletir sobre a ferramenta que, assim como a pedra, o bronze, metal ou fogo, é imprescindível para a comunidade contemporânea: o celular. Esse aparelho merece um estudo de suas potencialidades atrelado ao contexto de ensino e aprendizagem, conferindo-lhe função de recurso pedagógico, pois “em vez de proibir o celular, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia” (ROJO, 2012, p. 27).

As transformações tecnológicas como fenômenos da atualidade não devem ser negligenciadas pelas instituições de ensino. Utilizá-las adequadamente no transcorrer das

¹ Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

² Tecnologias da Informação e da Comunicação.

aulas faz todo sentido, uma vez que a era digital impõe transformações na concepção da realidade, desencadeando o aparecimento de novas linguagens e novas maneiras de interagir socialmente, inclusive no modo de receber e produzir informação.

A Lei nº 12.730/2007 proibiu o aparelho no ambiente escolar durante alguns anos. Contudo, atualmente, seu uso está legalizado para finalidades pedagógicas, já que o então Secretário da Educação em 2017, José Renato Nalini reconheceu que “se quisermos manter o aluno interessado em aprender, temos de usar a linguagem dele. A linguagem de seu tempo” (NALINI, 2017, p. 01).

Segundo Nalini (2017), responsável por revogar a lei anterior que proibia a utilização do aparelho na escola, o momento atual da sociedade exige, por parte das instituições de ensino, a incorporação do celular no desenvolvimento da aprendizagem. A medida de tornar legal o uso desse equipamento em ambiente pedagógico já nos demonstra a preocupação de uma autoridade da área educacional em atrelar realidade, ensino e desenvolvimento tecnológico.

Partindo desse panorama, a pesquisa em questão se torna relevante, uma vez que por meio dela, busca-se investigar a pertinência do celular como ferramenta pedagógica capaz de subsidiar práticas de ensino e aprendizagem. Notamos e reconhecemos, portanto, a complexidade do tema que nos propomos investigar. Entretanto, independente das divergências sobre o assunto, há de se reconhecer que a relação de dependência entre homem e aparelho é inegável, nos tempos de hoje. Goggin (2007), em seus estudos, categoriza esse fenômeno como a “cultura do aparelho celular”. Mas, o que de fato torna as opiniões tão divididas quando se traz a problemática para o contexto escolar?

Muitos educadores acusam o celular de promover dispersão entre os estudantes. No entanto, Zuin e Zuin (2018) afirmam que o fenômeno da *concentração dispersa* não é recente. Segundo eles, as distrações acompanham o processo de ensino e aprendizagem desde tempos remotos, portanto, não se trata de algo inédito na educação. Dessa forma, o argumento de que o celular é responsável pela falta de concentração e, por consequência, a ineficácia da aprendizagem não se sustenta; pelo contrário, só aponta que os problemas se relacionam a outros aspectos que circunscrevem a situação e que não se relacionam propriamente com o celular.

As opiniões negativas sobre tal aparelho, em contexto de ensino e aprendizagem, devem-se a visões pouco fundamentadas em que se desprezam, durante a discussão, os aspectos metodológicos que estão intimamente atrelados à questão. Outro ponto crucial referente à dissidência de opiniões é o fato dele estar relacionado, na maioria das vezes, a situações de conflito entre professor e aluno.

Contudo, independente das opiniões divergentes, precisamos vislumbrar o uso do celular como um fenômeno irreversível da atualidade. Logo, proibi-lo não é a atitude mais sensata até mesmo porque há uma lei que ampara seu uso para finalidades pedagógicas, no Estado de São Paulo. O problema apontado pelos educadores, nesse caso, estaria nas formas de controle, pois, segundo eles, é impossível monitorar todos os aparelhos em salas superlotadas.

As dificuldades em se adaptar às inovações são comuns, ainda mais quando se trata de confrontar metodologias tão enraizadas na rotina escolar. Porém, precisamos buscar estratégias para que tais novidades deixem de ser encaradas como problemas e assumam a condição de desafios que precisam ser superados. Por esse viés de análise e reflexão envolvendo o assunto, o celular precisa deixar de ser visto como vilão e assumir, diante dos profissionais da educação, o papel de instrumento pedagógico do século XXI.

Não é uma questão de aderir, única e simplesmente, a um modismo, mas sim, de oportunizar aos educandos aprendizagens que se inter-relacionam com o meio em que eles vivem. Em outras palavras, é conferir sentido para aquilo que se pretende ensinar atrelado com práticas sociais autênticas e, portanto, motivadoras pois, diante dessa nova condição, reconfiguram-se as relações entre aluno e escola. Segundo Lévy (1993, p. 16), “quando uma circunstância como uma mudança técnica desestabiliza o antigo equilíbrio das forças e das representações, estratégias inéditas e alianças inusitadas tornam-se possíveis.”

Grande parte dos estudos atuais sobre o uso do celular em ambiente pedagógico se empenha em analisar os impactos dessa tecnologia na escola, privilegiando suas interferências nas relações comportamentais, sem se aprofundar muito nos aspectos pedagógicos que permeiam a situação. Além do mais, na maioria das vezes, apontam apenas os inúmeros problemas relacionados ao tema, mas não destacam encaminhamentos satisfatórios e exemplos de práticas que obtiveram sucesso.

Diante da complexidade do assunto, reconhecemos que atrelar à pesquisa fatores de comportamento é essencial, entretanto aspectos metodológicos também precisam ser considerados. Investigar o uso do celular, focalizando sua inserção em situações práticas do ambiente educacional sem perder de vista que na função de ferramenta pedagógica questões relativas aos encaminhamentos e às estratégias precisam permear a discussão. Entender na atualidade o aparelho celular como simples artefato tecnológico significa reduzir as potencialidades desse recurso quando pensamos, principalmente, na sua natureza ubíqua.

No artigo “*O celular na escola e o fim pedagógico*”, Zuin e Zuin (2018, p. 421) apontam que “não há como negar os benefícios decorrentes do uso de celulares e de outros aparelhos, tais como *laptops, tablets e notebooks*, no transcorrer das atividades desenvolvidas em sala de aula”. Assim, justifica-se a perspectiva de uma escola que contempla em seu plano político-pedagógico o trabalho com as novas linguagens por meio do recurso de maior evidência na sociedade atualmente, o celular.

Tendo em vista a discussão apresentada, esta pesquisa tem como objetivos gerais: (i) demonstrar a relevância e as possibilidades de utilização das TICs/TDIC no ambiente educacional, (ii) relacionar práticas pedagógicas com práticas sociais, (iii) promover autonomia e corresponsabilidade do educando em seu processo de formação e (iv) desenvolver aplicativos que sirvam de ferramenta para o trabalho com os multiletramentos.

Para alcançar os objetivos gerais, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) incorporar o aparelho celular às práticas de ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa, (ii) inserir a pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica e (iii) oportunizar a *autoaprendizagem*³ e *interaprendizagem*.⁴

Diante disso, a inserção das TDIC, mais especificamente o telefone móvel, no cotidiano escolar como recurso pedagógico atrelado aos multiletramentos, é o tema da presente pesquisa. Sendo assim, a pergunta que direcionou o estudo foi: “*Como inserir o celular nas aulas de Língua Portuguesa para promover a pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica?*”

³ Segundo Masetto (2012), refere-se ao processo em que o aluno aprende de forma autônoma sem interferência do professor e demais colegas.

⁴ Segundo Masetto (2012), refere-se ao processo de aprendizagem em que todos os envolvidos aprendem, inclusive o professor.

Dessa forma, essa pesquisa consta de 3 capítulos e conclusão, sendo eles:

- Capítulo 1: *Linkando* teorias. Esse capítulo traz a fundamentação teórica que serviu de subsídio para a investigação bem como uma análise documental dos PCNs (1997) e BNCC (2018), confrontando-os com as metodologias e recursos vigentes. Tratarei, também, do percurso histórico dos textos/gêneros, enfatizando suas transformações diante das tecnologias digitais atreladas à pedagogia dos multiletramentos e ao letramento digital crítico;
- Capítulo 2: *Login* na Metodologia: Acessando etapas da pesquisa. Espaço destinado para descrever as etapas da pesquisa, bem como esclarecer informações sobre os participantes e ações realizadas no transcorrer do processo da coleta de dados;
- Capítulo 3: Estabelecendo os *links* da pesquisa. Parte destinada à análise do material coletado a partir das teorias que servem de embasamento para essa dissertação;
- Conclusão: Assim posto, pretendo, nesta etapa, apontar os resultados finais da pesquisa, ressaltando seu caráter interventivo no contexto da Educação Básica.

A seguir, iniciaremos a discussão teórica, estabelecendo pontos relevantes para a compreensão dos aspectos aqui tratados. Buscamos focalizar questões que, a nosso ver, tornam-se essenciais quando pensamos atualmente na relação escola, práticas sociais e TDIC, concebendo professor e aluno como atores principais dos processos de ensino e aprendizagem.

CONCLUSÃO

No campo educacional, as TDIC possibilitaram novas formas de conceber o processo de ensino e aprendizagem, não no sentido de promover uma ruptura entre o antigo (tradicional) e o novo (digital), mas de estabelecer, a partir dos paradigmas vigentes, uma ponte para se chegar a uma abordagem mais coerente com os modelos oriundos da educação do século XXI. Diante desse panorama digital, a interaprendizagem foi facilitada se pensarmos que todos, na atualidade, dispõem de um aparelho celular e mantêm-se conectados, permanentemente, seja para se comunicar, seja para buscar informações na rede.

O caráter precursor dos PCNs (1997) ao trazer, mesmo que timidamente, elementos típicos da aprendizagem colaborativa como, autonomia, interação e mediação significa independente de resultados satisfatórios ou não no cenário educacional, que estamos no caminho certo ao menos do ponto de vista dos documentos oficiais. Não queremos, em hipótese alguma, negligenciar todos os demais problemas que tangenciam ou se inserem nesta discussão, pelo contrário, pretendemos por meio dela consolidar a ideia de que nossa educação detém um sucesso em potencial, pois registra e legitima aspectos que perpassam à educação formal e se relacionam diretamente com uma abordagem que promove a formação de um cidadão essencialmente holístico.

Duas décadas depois do lançamento dos PCNs (1997), a BNCC (2018) retoma as ideias de outros documentos oficiais e implementa um documento educacional em que o processo colaborativo também se faz presente, mesmo que de forma implícita e, junto a ele, questões mais profundas que a escola do século XXI deve atender.

Sabemos também que os documentos oficiais, por mais que nos norteiem, somos nós que devemos encarar esse desafio e entendermos que para a situação atual o “mínimo” pode representar “muito”. Avançaremos, desde que aceitemos rever valores muito próprios de nossa natureza e isso implica desaprender, reconstruir, mediar e acreditar.

Confrontar realidades foi uma das conquistas que o acesso à informação proporcionada pelas TDIC nos ofertou. A grande questão aí recai na maneira como recebemos e lidamos com essas ofertas, se nos mobilizamos e buscamos compreendê-las como sujeitos sociais capazes de intervir e transformar ou, simplesmente, abandonamos a página e seguimos, utilizando as tecnologias como forma de alienação e espaço para simples

entretenimento. A ação de mobilizar nesta pesquisa se atrelou, num primeiro momento, a uma reflexão em que os participantes, ao tomarem contato com os problemas que os cercavam foram levados a pensar sobre eles, procurando suas causas e, sobretudo, seus efeitos, conforme demonstrado na seção *"Letramento digital (crítico)."*

Promover discussões, pela perspectiva crítico-reflexiva dos participantes, partindo de situações concretas e reais foi relevante. Primeiro porque superou expectativas e segundo porque acredito que conseguimos mobilizar reflexões indispensáveis para o momento atual, não apenas do ponto de vista evolutivo das tecnologias mas, principalmente, pelo momento político-social em que vivemos. Ter nas TDIC ferramentas a favor das vozes de uma minoria que, democraticamente, conquistou seu espaço na digitalidade nos faz pensar no potencial dessas ferramentas na atualidade. Ao mesmo tempo, traz à luz a discussão acerca do verdadeiro papel do educador em meio a esse universo de revoluções digitais que, por sua vez, impõem transformações no mundo real.

Ao professor do século XXI, acredito que cabe não só preocupar-se com o cumprimento de um currículo, ou apenas com a formação cidadã, pois agora temos uma sociedade que transcende suas ações do real para o virtual. Precisamos pensar na formação humanizada de nossos alunos que percebendo seu entorno e seu lugar social possam transitar por todas as esferas, sejam elas reais, ou digitais. Assim, entendo que a escola não pode mais tratar o ambiente virtual como espaço à parte de sua realidade, pois ambas, no momento atual, se interseccionam, alimentando-se uma da outra por meio de seus usuários que, na maior parte das vezes, ocupa a carteira de nossas instituições de ensino.

Para a atualidade, em que as transformações tecnológicas se disseminam e se incorporam em nossas rotinas, alterando, principalmente, nossa forma de ver o mundo e de se relacionar com o outro, o papel do professor se reconfigura e também o torna alvo das mudanças exigidas no hoje. Não se trata apenas de escolher uma ou outra forma de ensinar, um ou outro recurso, mas trata-se, antes de mais nada, de entender que o aluno, na condição de sujeito social, automaticamente absorveu, assim como toda a sociedade, as inovações deste momento.

O caminho percorrido durante esta investigação concentrou-se na pergunta *"Como promover a pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica a partir do dispositivo*

móvel celular?”. Dessa maneira, os critérios, aqui descritos e analisados, colaboraram para que ao final, pudéssemos reiterar os objetivos trazidos na introdução como forma de refletir sobre os resultados aqui alcançados.

Inicialmente, houve o propósito de desenvolver aplicativos destinados ao público da Educação Básica no intuito de promover a pedagogia dos multiletramentos, tendo como recurso fundamental o aparelho celular. Foi estabelecido parceria com um estudante do curso de programação com objetivo de obter formação quanto ao processo de criação de aplicativos. Entretanto, após algumas tentativas, não obtivemos resultados satisfatórios devido aos fatores elencados abaixo:

1. Incompatibilidade entre aparelhos e sistema operacional: alguns aparelhos de celular dos participantes não comportavam a instalação dos aplicativos enviados de modo que restringiu o acesso de alguns ao conteúdo;
2. Conteúdo desarticulado da proposta inicial: percebemos que estávamos apenas reproduzindo aquilo que outros aplicativos já dispunham na rede sem atender as potencialidades da pedagogia dos multiletramentos,
3. Complexidade: dificuldades quanto aos processos de elaboração que, por sua vez, exigiriam do pesquisador um estudo à parte que, em virtude do tempo para coleta, poderia interferir no desenvolvimento desta pesquisa.

Após refletir sobre a criação de aplicativos, entendemos que, para esse momento, ainda é pouco viável se pensarmos nas inúmeras obrigações do professor da Educação Básica que para isso precisaria dispor de tempo para formação. Além disso, o uso de aplicativos no ambiente escolar precisaria ser pensado e articulado, assim como processo de elaboração do plano de aula, ou do contrário estaríamos apenas transferindo antigos paradigmas para suportes emergentes.

A grande questão que abarca o item 2 acima está nas práticas arraigadas no educador que, forjado em modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, na maioria das vezes, pega-se reproduzindo práticas e estratégias, estabelecendo com as TDIC uma relação pouco proveitosa na elaboração de suas aulas, ao passo, que tal relação deveria ser de integração. Utilizar as tecnologias como recurso metodológico não pode ser sinônimo de enfeitar a aula, pelo contrário, essas precisam dialogar com os objetivos, as vivência e as realidades sociais.

Quanto ao uso do celular como recurso pedagógico, podemos dizer que, por se tratar de um dispositivo móvel, viabiliza satisfatoriamente a busca pelo conhecimento tanto no espaço escolar quanto fora dele. As potencialidades desse aparelho se pensarmos nas demandas de informação, rapidez e poder de alcance são incontáveis. No transcorrer da coleta de dados uma das orientações foi para que os participantes acessassem o grupo “*Educação e Tecnologias*” e realizassem todas atividades utilizando apenas seus celulares.

Entendemos que o uso desse aparelho na escola como ferramenta de ensino, como já tratamos aqui, exige do professor planejamento e preparo para lidar com situações de conflito que, infelizmente, sempre houve na escola, mesmo antes do surgimento do celular. Além disso, entendemos que situações como essas têm pouca relação com o aparelho propriamente, mas sim com questões de ordem social que restringindo seu uso não solucionaria questões ligadas à indisciplina e ao baixo rendimento de nossos alunos.

O fato de nascerem na era digital não os torna proficientes nas habilidades em operar e produzir informações no ambiente virtual, ou seja, o meio, neste caso, ajuda no estímulo da curiosidade, da busca, contudo, não podemos perder de vista que nem todos se colocam na condição autônoma quando se trata da construção do conhecimento. Conforme já discutimos, o letramento digital na atualidade assume papel de relevância no espaço da educação formal, assim como o letramento tomado pela perspectiva do texto impresso e unimodal.

A busca por investigar possibilidades de vincular a aprendizagem formal às práticas sociais, tendo nas TDIC, mais especificamente no aparelho celular, um elemento mediador para integração desses campos revelou-se como uma estratégia exitosa. Os participantes da pesquisa, por meio dos dados coletados, demonstraram interesse significativo e nível de participação considerável se pensarmos na realidade da sala de aula em que poucos se expressam ou se sentem pouco motivados para se envolverem ativamente na construção do conhecimento.

O fator preponderante para essa mudança na concepção da aprendizagem, deve-se principalmente ao entendimento do professor de que a condição de mediador junto às tecnologias permite, de modo mais significativo, o dialogismo, ponto essencial para construção do sujeito social. Nas palavras de Geraldi (2012, p. 131) "É devolvendo o direito à

palavra [...] que talvez possamos um dia ler a história contida, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escola pública."

Dar voz para setores da sociedade até então sem papel responsivo na construção da informação é entender as transformações tecnológicas como elementos-chave para o empoderamento do pobre, do negro, da mulher e, sobretudo, do jovem com pouco papel de destaque na produção de informações. Quando vemos na BNCC (2018) o apelo para as transformações do mundo, entendemos com isso a necessidade de buscarmos pontos de intersecção entre o fazer conhecimento e o fazer educação.

Em épocas de digitalidade, em que grande parte dos jovens se relaciona e interage socialmente por meio do celular, a multimodalidade e as multisssemioses precisam ser tratadas como aspectos tão importantes quanto os demais que ocupam posição de destaque nos currículos das escolas. Como professores, precisamos entender que essas diferentes linguagens não estão apenas a serviço do entretenimento, elas assim como outros signos são produzidas e utilizadas intencionalmente nas diferentes esferas sociais.

Ao inserir na sala de aula aspectos da natureza digital, promovendo um trabalho que extrapola a relação ingênua com essas linguagens, deletando a ideia que essas sejam apenas acessórios decorativos para o texto, trabalhamos o uso consciente e reflexivo de uma linguagem que tão poderosa quanto a linguagem escrita e impressa, pode esconder e/ou oferecer riscos aos nossos alunos.

Dessa forma, compreendemos que o poder revolucionário das tecnologias interfere e impõe verdadeiras revoluções, inclusive na forma de produzir educação. Assim, esta realidade emergente exige dos envolvidos no processo educacional sensibilidade para entender que as máquinas surgiram não para engessar as estruturas marginalizantes da sociedade, ao contrário, se compreendidas e bem encaminhadas, podem se tornar uma maneira de subverter, pelo viés do conhecimento, valores e estruturas socialmente construídas no transcorrer da História.

O ponto crucial neste momento vai além da aplicação de metodologias e recursos, trata-se de uma postura generosa, valorativa e reflexiva entre os atores do contexto educacional em que todos colaboram e aprendem algo. Ao final desta pesquisa, no que se refere ao uso do celular como ferramenta para promover a pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica, podemos apontar os seguintes resultados:

- Educador como agente criativo e capaz de elaborar aulas, imprimindo sua autoria no processo do conhecimento a partir da criação de aplicativos ainda é pouco viável se pensarmos nos inúmeros fatores que interferem na formação e motivação do professor da Educação Básica;
- O celular assume papel de recurso pedagógico em virtude do acesso e democratização desta ferramenta, independente da classe social;
- Metodologias ativas, voltadas para a aprendizagem colaborativa são essenciais para contexto educacional do atualidade;
- Reconfiguração dos papéis dos atores educacionais: todos ensinam, todos aprendem;
- Os multiletramentos como estratégia de valorização do sujeito social e de sua cultura tornam-se elo entre escola, práticas sociais e alunos.

No transcorrer desta investigação, compreendemos o valor da palavra, dos discursos que na era digital redobram seu potencial e seu poder de alcance, pois além da democratização da informação, contamos também com o direito de resposta. O ato responsivo somado às diferentes linguagens da contemporaneidade, torna o enunciador "empoderado" e consciente de seu papel socioideológico, independente da faixa etária ou posição social, pois subestimar a capacidade de nossos alunos também é uma forma de contribuir negativamente com o progresso da educação em nosso país.

Promover tal reflexão com jovens desta faixa etária foi o mesmo que reconstruir realidades e ressignificá-las, mas não do ponto de vista do vitimismo ou da intolerância, pelo contrário, significou conscientizá-los dos problemas que os cercam e provocar neles a necessidade da transformação, da melhoria, da evolução. Entender seu espaço no mundo, praticando a valoração do ser humano que, tendo participação social, inclusive na esfera digital, pode se fazer ouvido, lido e notado socialmente..

A necessidade atual de buscar um ensino mais permeável para fatores da realidade reflete a condição de uma sociedade mais inter-relacionada em que a democratização da informação transformou as formas de interação, recepção e produção do conhecimento. Camadas socialmente menos favorecidas que, antes não tinham direito à informação também

não se expressavam e, portanto, estavam renegadas à condição marginal do conhecimento, ou seja, habitavam o substrato da dependência informacional e da exclusão.

Uma questão é fato: precisamos, em quantidades substanciais, trazer o mundo de fora para o mundo da escola e isso inclui tecnologias. Quando utilizo o verbo na 1ª pessoa do plural é por que “precisamos”, independente dos inúmeros problemas do sistema que, em grande parte, dificultam nossa profissão, assumir nosso papel efetivo de educadores e nos mobilizarmos para transformarmos a educação, por mais que haja adversidades de todas as ordens tentando nos tirar do “caminho”, desvirtuando-nos daquilo em que acreditamos. O uso da 1ª pessoa é, portanto, voto de otimismo, é voto de confiança, é voto de reconhecimento.

Dessa forma, a busca pautou-se por integrar escola, sociedade e tecnologias, não para que uma dessas se sobrepusesse à outra, mas, para que juntas se articulassem no processo de criação de sujeitos capazes e sensíveis com a realidade que os cercam. O mundo atual disponibiliza de recursos inimagináveis e, portanto, utilizá-los a bem do conhecimento é, antes de mais nada, construir sobre as bases da modernidade uma nação justa e capacitada para lidar com seus problemas e todos os desafios da era digital.

O grande desafio da digitalidade, portanto, está na formação de pessoas capazes de navegar pelo vasto território da internet, sabendo de suas responsabilidades como curadores e que eles, cidadãos digitais, por sua vez, têm o dever de zelar pelas boas relações, promovendo o respeito, a tolerância, garantindo neste espaço seu direito de voz, de resposta e, sobretudo, de um sujeito histórico transformador que, desde a descoberta do fogo e da roda, luta por sua própria sobrevivência e de sua espécie todos os dias. Historicamente, estamos caminhando a passos largos se pensarmos em todos os benefícios trazidos, nos últimos tempos, pelas TDIC. Agora precisamos pensar na maneira como o homem da contemporaneidade pretende estruturar suas relações consigo mesmo, com outro e com a informação neste panorama irreversível das tecnologias e isso também passa a ser papel da escola.

Como já sabemos, para iniciarmos o processo de transformação da qualidade do ensino brasileiro não precisamos apenas de um conjunto de leis e estatutos. As necessidades estão muito além disso. Precisamos, sem sombra de dúvida, colocar em prática aquilo que está no papel, assumindo o professor da Educação Básica, neste momento, a condição de pesquisador que diante de uma realidade concreta e acompanhado de muitas inquietações se

propõe a observar, testar e por que não criar? Assumir-se como pesquisador é, ao mesmo tempo, dar-se o direito de confrontar, de refletir, de propor e também de errar.

Sendo assim, temos a nosso favor recursos que se bem articulados e bem encaminhados podem colaborar com a implementação dos multiletramentos, ainda mais por se tratar de ferramentas muito utilizadas entre os jovens. Desse modo, apontamos como agente colaborador para facilitar o trabalho com os multiletramentos o aplicativo *WhatsApp*.

Sempre que se discute a presença das TDIC na educação, deparamo-nos com o empecilho da falta de recursos que acomete as escolas públicas no geral. A falta de material infelizmente trata-se de uma realidade. Contudo, entendemos nesse tocante que o professor em algumas situações pode fazer uso daquilo que tem à mão para tornar seus propósitos de educador reais. Por isso, fazer uso do telefone móvel e dos recursos que ele pode oferecer para professores e alunos cada vez mais toma proporções no que se refere à viabilidade e às possibilidades de seu uso.

Por se tratar de uma ferramenta interativa e com uso em larga escala pela maioria das pessoas, principalmente, jovens, acreditamos nas potencialidades do aplicativo *WhatsApp* como forma de implementar a metodologia colaborativa na perspectiva dos multiletramentos, uma vez que observamos nesse recurso uma gama de possibilidades para o desenvolvimento de habilidades pertinentes ao aluno do século XXI. O desafio num primeiro momento é desconstruir nos estudantes a ideia de que o uso do *WhatsApp* só atende finalidades para interlocuções pessoais.

Diante dos inúmeros recursos multissemióticos de que dispõe o aplicativo *whatsApp*, entendemos sua incorporação como forma de tornar também possível o trabalho com os multiletramentos na Educação Básica. Encarando-o como suporte capaz de manter os aspectos característicos dos gêneros multimodais, preservando suas multissemioses e, ao mesmo tempo, possibilitando interagir com seus pares no exercício contínuo de interaprendizagem.

Para a disciplina de Língua Portuguesa que, de acordo com a BNCC (2018), continua a ter no texto sua unidade básica de ensino, assim como nos PCNs (1997) de duas décadas atrás, o fato de ter no aplicativo *WhatsApp* uma forma de “preservação” dos gêneros em seu estado natural e, portanto, sem desvirtuar seus elementos constituintes e linguagem

caracterizadores é o fator preponderante para que essa plataforma de interação passe a fazer parte da rotina da sala de aula. Muito além disso, podemos destacar também sua atuação como recurso síncrono que por sua vez proporciona troca de informações instantâneas.

Muitos desafios nos surgem na era digital. Todavia, sabemos da necessidade das instituições de ensino, principalmente na Educação Básica, produzirem conhecimento, tendo em seus currículos espaço para os multiletramentos, conferindo-lhe o valor social que lhe é de direito, pois sabemos que junto à ação de multiletrar temos também as ações de refletir, tolerar e interagir diante do multiculturalismo e do multilinguismo do cenário atual. Em outras palavras é validar a presença do diferente como escopo de ensino.

O processo de desenvolvimento das tecnologias, desde seus primeiros avanços na era primitiva, inseriu a humanidade numa teia cíclica de mudanças que pela ordem natural jamais pode retroceder. Presa nesse emaranhado de avanços e rupturas, sociedade e tecnologia constroem um percurso histórico e simbiótico em que uma depende da outra, estabelecendo, assim, uma relação de troca e sobrevivência. Em outras palavras, não se trata mais de uma se sobrepor à outra, mas sim, estabelecer-se a ação de “coexistir”.

No momento atual, não há espaço para o “devir”, pois a realidade impregnada de agentes digitais exige das pessoas respostas rápidas a comandos que outrora poderiam esperar, ou seja, as relações/interações que eram postergadas, hoje são imediatas. A relativização do tempo e a urgência por respostas rápidas desencadearam novas formas de produzir e consumir a informação que, por sua vez, na atualidade, demandam novos modelos de comunicação e novos modos de intervir e reagir na sociedade.

Estar à margem da sociedade, nos tempos de hoje, não se trata apenas de estar desprovido de lar, alimentação e outros insumos essenciais para garantir qualidade de vida. Mas, sobretudo, fazer parte da marginalização de nível intelectual e ideológica. Há vários fatores que permeiam o tema em questão, entretanto, para o contexto atual, pensar e reavaliar os recursos do celular como ferramenta tornou-se uma questão não só pedagógica, mas social. Procurar maneiras de articular o ensino da língua a situações significativas, objetivando resultados satisfatórios no que se refere ao(s) (multi)letramento(s), deve ser prioridade na era digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. P.; SARTORI, J. O professor autor e experiências significativas na educação do século XXI: estratégias ativas baseadas na metodologia de contextualização da aprendizagem. In: In: BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. Tradução de Paulo Bezerra. In: **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARROS, M. **Exercícios de ser criança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- CANI, J.; COSCARELLI, C. V. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (orgs.). **Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016.
- COSCARELLI, C. V.; KERSCH, D. F. Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (orgs.). **Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016.
- FERNANDEZ, J. B. Construções de sentido na área de línguas/linguagens: foco no letramento digital crítico. In: TAKAKI, N. H.; MOR, W. M. (orgs.). **Construção de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- GERALDI, J. W. **A produção dos diferentes letramentos**. Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a03v9n2.pdf>> Acesso em: jan. 2019.
- GERALDI, J. W. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, J. W et al (org.). **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Anglo: 2012.
- GOGGIN, G. **Cell phone culture: mobile technology in everyday life**. Londres e Nova York: Routledge, 2007.
- GOULART, C. Letramento e novas tecnologias: questões para prática pedagógica. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A, E. R. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.

LEFFA, V. J. Produção de materiais para o ensino de línguas na perspectiva do design crítico. In: TAKAKI, N. H.; MOR, W. M. (orgs.). **Construção de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2017.

LORENZI, G. C. C; PÁDUA, T. W. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MATIAS, J. O Google Drive como ferramenta de escrita colaborativa do gênero projeto de pesquisa: um caminho para o letramento digital. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (orgs.). **Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MELO, F. **Quem me roubou de mim?** 18. ed. São Paulo: Canção nova, 2008.

MENDONÇA, H. A. Construção de jogos digitais e uso de realidade aumentada. In: TAKAKI, N. H.; MOR, W. M. (orgs.). **Construção de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília, DF. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 27 ago. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 27 ago. 2019.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MONTES, M. T. A. **Aprendizagem colaborativa e docência online**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio das tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

NALINI, J.R. **Aprovada a lei que libera o uso de celular nas escolas estaduais de São Paulo**. 2017. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/aprovada-lei-que-liberao-uso-do-celular-em-escolas-estaduais-de-sp/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

PRENSKY, M. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. 2001. Disponível em: <<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/fetch/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2018.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela- letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A, E. R. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, O. J. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A, E. R. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROCHA, M. L; AGUIAR, K. F. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises**. Psicologia, ciência e profissão, 2003, 23 (4), 64-73. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2019.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

THADEI, J. Mediação e educação na atualidade: um diálogo com formadores e professores. In: BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VENTROMILLE-CASTRO, R. Língua como instrumento, língua para o poder: reflexões sobre papel do professor, tecnologias digitais e desenvolvimento linguístico. In: TAKAKI, N. H.; MOR, W. M. (orgs.). **Construção de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2017.

ZUIN, V.G.; ZUIN, A.A.S. **O celular na escola e o fim pedagógico**. Educ. Soc., Campinas, v. 39, nº. 143, p.419-435, abr.-jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v39n143/1678-4626-es-39-143-419.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

APÊNDICES

Questionário

Este questionário contém 10 questões referentes ao uso do celular e domínios das ferramentas que ele pode nos oferecer no dia a dia. Para cada uma delas, escolha uma única alternativa:

1. Você faz uso do celular com que frequência?

- a) diariamente
- b) semanalmente
- c) quinzenalmente
- d) mensalmente

2. Para quais fins (funções), você geralmente utiliza o celular?

- a) conversar com amigos e familiares
- b) pesquisar conteúdos da escola/acessar vídeo-aulas
- c) produzir/editar textos (vlogs, tutoriais, comentários etc)
- d) acessar redes sociais (facebook, instagram, twitter etc)

3. Ao fazer uso das redes sociais (facebook, instagram, twitter etc), você costuma produzir textos/comentários como forma de interagir com amigos e familiares?

- a) sempre
- b) raramente
- c) nunca
- d) não possuo redes sociais (facebook, instagram, twitter etc)

4. Nas aulas oferecidas pela sua escola (todas as disciplinas), há uso de tecnologias digitais como forma de ajudar na construção da aprendizagem?

- a) sempre
- b) raramente
- c) nunca

d) não sei o que são tecnologias digitais

5. Você costuma utilizar o celular durante as aulas para acessar redes sociais e outros conteúdos que não sejam com finalidades pedagógicas?

- a) sempre
- b) raramente
- c) nunca
- d) não levo o celular para a escola

6. Você costuma interagir com textos típicos das plataformas digitais, como memes, vlogs, clips, tutoriais etc?

- a) diariamente
- b) semanalmente
- c) mensalmente
- d) não sei o que são memes, vlogs, clips, tutoriais etc

7. Você sabe produzir/editar textos digitais como memes, vlogs, clips, tutoriais etc?

- a) sim, sem nenhuma dificuldade
- b) sim, com alguma dificuldade
- c) não sei, mas gostaria de aprender
- d) não sei e não tenho interesse em aprender

8. Você conhece recursos básicos para ferramentas de texto, como: copiar e colar, inserir parágrafo, formatar etc?

- a) sim
- b) pouco
- c) não
- d) não, mas gostaria de aprender

9. Costuma acessar plataformas *wiki* (enciclopédias digitais), como por exemplo a *Wikipedia*?

- a) sempre
- b) raramente
- c) nunca

d) não sei o que são plataformas *wiki*

a) sim

10. Você sabe o que é hipertexto?

b) não



História de Olga

A foto acima mostra a nossa patronesse [Olga Yasuko Yamashita](#). Ela nasceu no dia 11 de setembro de 1946 e faleceu em 16 de agosto de 1971.

A mãe dela era a senhora Fumiko Yamashita e o seu pai Jisaburo Yamashita.

Localização

A escola se localiza na cidade de Pirapozinho-SP Cep-19.200.000 na rua Euclides da Cunha, nº 851-Centro

Horário de funcionamento

Turma da manhã: 7h até 12h 20min

Turma da tarde: 12h 40min até 18h

Abertura: 6h 30min

Fechamento: 19h

Horário de atendimento público pela secretaria: das 7h30min às 17h

Formação da escola

Antes a escola [Olga Yasuko Yamashita](#) era um ginásio de Pirapozinho e apenas em 1978 ela foi declarada escola estadual de 2º grau. Dois anos depois em 1980 ela recebeu esse nome

Figura 10: Verbetes digitais produzidos pela dupla I



A foto acima mostra a patronesse da nossa escola, seu nome é **Olga Yasuko Yamashita** seu pai era Jisaburo Yamashita, e sua mãe era a senhora Fumiko Yamashita. Nasceu 11 de setembro de 1946, e faleceu em 16 de agosto de 1971.

Antes a escola **Olga Yasuko Yamashita** era um Ginásio de Pirapozinho. Apenas, em 1978 ela foi declarada escola estadual de 2º grau. Dois anos depois, em 1980 ela recebeu o nome de **Olga Yasuko Yamashita**. O ensino médio só foi instaurado em 14/05/2005

A escola está localizada na Rua Euclides da Cunha Bairro Centro nº 851 Pirapozinho-SP Cep-19.200.000

Os alunos, em sua maioria são dos bairros Natal Marrafon e Antônio Bento Pimentel, porém há alunos do próprio bairro onde a escola reside e de seus circunvizinhos. A maioria dos alunos se dirigem à escola por meio do transporte público cedido pela cidade, tendo diferentes pontos de ônibus para os locais que ficam mais afastados.

Alunos que moram longe são buscados com ônibus, há no total 3 ônibus e uma perua que busca na zona rural. Para identificar os alunos que andam no transporte são feitas carteirinhas de estudante, que são apresentadas à inspetora do ônibus.

Figura 11: Verbete digital produzido pela dupla II



Professora Olga

A mulher acima é a Olga, ela é a professora que deu origem a escola [Olga Yasuko Yamashita](#). Ela era filha da senhora Fumiko Yamashita e do senhor Jisaburo Yamashita. A professora veio a falecer dia 16 de agosto de 1971 e nasceu dia 11 de setembro de 1946.

A escola abre às [6h30m](#) e fecha às [19 horas](#). Turno da manhã [7h](#) às [12h20m](#), turno da tarde [12h40m](#) às [18 horas](#).

Antes de se tornar escola estadual (1976) ela era um ginásio. A escola ganhou o nome de Olga somente dois anos depois (1978). A escola se reestruturou para primeiro e segundo grau em (1980).

Essa escola tem 10 salas de aula, 41 funcionários, sala da diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, quadra de esportes, cozinha, banheiros, sala de secretaria, refeitório, despensa, almoxarifado e pátio.

Localização

Rua Euclides da Cunha
bairro centro nº851 Pirapozinho-SP
Cep 19.200.000

Figura 12: Verbetes digital produzido pela dupla III